



# Apresentação

## Guimarães ou Guimarães: questões ou opiniões?

“Diadorim é a minha neblina”. A sentença me arrebatou, decisivamente. Foi substancial ouvir-ler a frase, uma senha que me instaurou naquele sertão de significantes. Significações daquele rio de larvas, derrapando da boca do vulcão, a obra de Rosa, o Guimarães. Nunca mais, depois do GSV, o sertão foi-me um “ser tão só”. Imagino que a comichão não é exclusivamente minha. Todos ficamos tantalizados por aquele código, de tal modo que podemos afirmar, re-apropriando-nos, metonimicamente, “Guimarães é nossa neblina”. É? Os estudos aqui reunidos, neste número especial da revista *Asas da Palavra*, sempre com o apoio do **BANCO ITAÚ**, - já dedicado às comemorações, em 2008, dos **100 anos de nascimento** do notável escritor mineiro, ilustre brasileiro mago das palavras, mostram que, neste sítio sinuoso, prático que se preze não teme neblinas nem quaisquer outros acidentes de percurso e introduz a embarcação com segurança no emaranhado estuá(rio). E o leitor não deve esquecer, reiterar não é muito, enunciarmos a partir da terra onde as guerreiras amputam um seio para melhor manusear vírgulas e pontos, digo, arco e flecha, suas armas de luta.

\* \* \*

Ouvi, certa vez, de Benedito Nunes, um depoimento muito significativo, o qual espero reproduzir aqui com alguma fidelidade. Em 1956, numa de suas viagens ao Rio de Janeiro, o filósofo encontrou Dalcídio Jurandir, romancista do Extremo Norte, e percebeu seu jeito, por assim dizer, mofino. Dalcídio, o que está acontecendo?, perguntou o professor. *Benedito, Estou atônito. Li o Grande Sertão..., do Rosa. O que um romancista pode fazer depois de um livro como aquele?* Felizmente, pelo que se deduz, a crise criativa foi temporária, cessou, portanto, e o romancista da Amazônia continuou a manipular a sua “criaturada do pé no chão”. Mas deixemos de rodeios, sigamos àquilo que interessa: apresentar este número especial da revista de Letras da Universidade da Amazônia. Não se precisa dizer, entretanto, que o time que se reúne aqui é de hábeis manuseadores dos instrumentais de guerra, a guerra que sabemos fazer, com palavras.

Vamos, assim, à tarefa pedregosa, preambular textos e autores.

“Um chamado João”, poema de Drummond que abre este coletânea, é a sagração do gênio das Minas ao gênio das Gerais. Não se precisa comentar este clássico. É reler, sorvê-lo.

A ambivalência do signo “veredas” serve de base para o ensaio “O ‘quem’ dos lugares. O pathos da natureza em Grande Sertão: veredas”, de Adélia Bezerra de Menezes, dona de uma obra que dispensa apresentação. Nele, o rio mostra-se metáfora fundamental do romance, diz a professora, metáfora que se faz desenhá-lo no próprio nome do fala(dor)



Riobaldo, que é “rio vão (...) aquele que represa como açude... as águas desse rio-narrativa que ‘corre-bem’”, diante do leitor que observa/absorve a linguagem estonteante do autor cordisburguense, cidadão do mundo.

Amarilis Tupiassú içou, nos infernos da criação, a feitura de “Chronos Kai Anagke” (traz de lambuja o conto anexado). Ao escavar aquele chão, a pesquisadora paraense faz superar a idéia de que, dependendo do escritor, o “caráter de estudos, treino, esboço” é superado graças ao diálogo estabelecido com fontes transnacionais: Allan Poe e Eça de Queirós, alguns dos autores que serviram ali de modelo ao autor de **Sagarana**.

O estudo de Audemaro Taranto Goulart é, de certo modo, a busca do ontológico na obra dos que estão entre os maiores bruxos da linguagem da “língua portuguesa tropical”: Machado e Rosa. Daí, o professor mineiro iniciar com a sentença: quem sou eu? A cada página deste texto audemariano, o leitor sorverá a reflexão de um maestro (aquele indica caminhos) que se debruça sobre dois mestres. O culto às aparências e as angústias oriundas do “espelho” fazem o leitor refletir sobre a importância perene da linguagem literária. Imperdível.

O estudo clássico faz-se ecoar em “O amor na obra de Guimarães Rosa”, de Benedito Nunes. Nele, o nosso mais ilustre crítico literário analisa as “três espécies de amor” vivenciadas nos interstícios da trama de GSV. Um estudo denso, significativo da tradição que busca devarrar a linguagem rosiana, de um dos paradigmáticos estudiosos da literatura contemporânea.

Carlos Dias, em “O recado do oráculo sertanejo...” faz um tracejado entre intérpretes de Rosa – Bento Prado Jr. e Trajano Vieira, em especial – a fim de recuperar sentidos de influência matricial do escritor mineiro no conto “O recado do morro”.

Cleusa Rios Passos faz valer sua experiência de analista de textos em “‘Cara-de-Bronze’: uma das viagens de ‘Corpo de Baile’”. Articular elementos da tradição literária e da psicanálise – a partir de uma reflexão sobre o ato de sonhar – para demonstrar as rasuras desta ousadia nos reflexos da cultura dos sertões, digo, do sertão, que funciona como micro-sina do Brasil, do mundo.

Elissandro Araújo busca, na **Poética** de Aristóteles, a base de sustentação de sua tese: aspectos do trágico em “A terceira margem do rio”, essa narrativa que bem poderia ser tratada como de “expressão amazônica” não fosse estarmos diante de uma enunciação tão outra porque tão singular. Lemos aqui um estudo cioso e instigante, que não tem pudor em ensinar, dado seu perfil didático, claro e objetivo.

O diálogo Portugal/Brasil se instaura aqui por via do estudo “O mitológico sertão-Brasil: Guimarães Rosa e a crítica lusitana”, de Everton Luis Teixeira. Lançando mão de Antonio Candido, Roberto Schwarz e Oscar Lopes, para citar três exemplos paradigmáticos, o ensaísta avalia a recepção que Rosa teve em além-mar, o que atestou “uma escrita forjada na mais profunda realidade nacional [brasileira]”.

João Adolfo Hansen discute “Grande sertão: veredas” na tradição da literatura; enfatiza a relação que a obra propicia entre o autor e o leitor e, mais que isso, corrobora para desvelar o sentido do texto rosiano como elemento, ao mesmo tempo, estético e político. *Forma da*

*sensibilidade, função representativa e função avaliativa* são expressões-chave elencadas pelo professor da USP para ler os interstícios do arsenal de palavras do autor de **Corpo de Baile**.

O próximo ensaio, de autoria de Josse Fares e Paulo Nunes, professores da Unama, traz à tona **Magma**, um livro que é, no mínimo, visto como secundário no rol de obra de Guimarães Rosa. Os professores, há muito envolvidos com expressão amazônica de nossa literatura, mostram as raízes que ligam este livro de poemas ao projeto estético-político do Modernismo brasileiro. Um estudo revalorativo (que se une a outros, já clássicos, como o de Maria Célia Leonel e Melânia Aguiar), embora **Magma** seja, salvo engano, enfeitado por seu próprio autor.

Os cruzamentos de discursos de Rosa, feito as férreas vias das Minas Gerais, são a preocupação da Márcia Marques de Moraes, ela que uma das maiores autoridades rosianas da atualidade (certa vez, José Arthur Bogéa tinha me falado, após ler *A Travessia dos Fantasmas: literatura e psicanálise em GSV*, “pensei já havia lido tudo de interessante sobre Guimarães Rosa”). A professora da PUC- Minas dialoga com Willi Bolle, Antonio Candido, Walnice Galvão, Eduardo Coutinho, dentre outros, para deter-se na narrativa rosiana, que constitui “produto de um amálgama de material lido, ouvido, sentido, experimentado, imaginado, que resulta de uma invenção representada por uma linguagem trabalhada para dar conta dessas misturas”.

Cinema e literatura, este fascinante e híbrido mundo de linguagens, é a preocupação de Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, em “A figura humana em Guimarães Rosa e em Rubem Fonseca: olhar e o olho armado”, do CES/Juiz de Fora. A professora atém-se a Bela Balazs, teórico e cineasta húngaro, para discutir o ato de ver e não ver o corpo. Essa “nova abordagem do corpo pela força do olho armado [que] vai tratar a vestimenta de um ponto de vista diferente, levando, muitas vezes, ao mascaramento do saber pelas armadilhas do olhar”. Instigante reflexão, vale a leitura.

“Esses Lopes, a história de um desenredo rosiano”, de Marli Tereza Furtado, traz à baila a voz do feminino, quando Flausina instaura a ambigüidade de um discurso que, não raro, converge para uma ironia estruturada tanto na retórica da narrativa quanto na estruturação do (des)enredo rosiano. O texto de Marli configura um estudo sobre gênero, sem, efetivamente, sé-lo.

Na comunicação “A decifração do jogo de Guimarães Rosa em *Tutaméia*”, apresentada ao XIII Fórum Paraense de Letras, na UNAMA, Max Clark de Castro Cunha, para entrar no jogo pretendido por Rosa, não abre mão do diálogo com Schopenhauer, o que se dá desde a epígrafe sumário usada pelo próprio autor, para orientar o leitor: “daí, pois, como já se disse, exigir a primeira leitura paciência, fundada na certeza de que, na segunda, muita coisa ou tudo se entenderá sob a luz inteiramente outra”.

Paulo Maués Corrêa estuda o “A Terceira Margem do Rio” entre [o] fogo e a água, na perspectiva, como é de se desconfiar, do simbólico. Não se pode, entretanto, deixar de perceber, no estudo do jovem professor, um discurso que oscila entre o simbólico bachelardiano e sugestão da antropologia levistrosiana. Um texto que acrescenta às leituras anteriormente efetuadas sobre este conto de Guimarães Rosa.

Para se compreender a poética da prosa rosiana, leremos “A recepção crítica de Corpo de Baile: Benedito Nunes e Bento Prado Jr”, de Sílvio Holanda, professor da UFPa e parceiro contumaz de **Asas da Palavra**. Holanda usa como tese o erótico rosiano, na visão delimitada pelo professor e filósofo paraense; a antítese, por sua vez, fica a cargo da condição de sujeito da linguagem de Guimarães Rosa, estudada por Bento Prado. E a síntese, entretanto, é tarefa edificada pelo leitor deste ensaio.

Em “Guimarães Rosa, leitor de Euclides da Cunha”, de Willi Bolle, se percebe a lúcida tese do professor da USP em inserir “Grande sertão: veredas” como uma das obras fundadoras do Brasil. Neste estudo, percebemos Rosa como leitor de Euclides da Cunha. Bolle reúne teóricos de denso perfil para defender seu ponto de vista: Lepenies, Lämmert, Candido, Galvão e Costa Lima, entre outros. Ele próprio, ao final do estudo, demonstra toda a acuidade de um intelectual comprometido e verdadeiro, que vê um texto como ancoragem na qual detém-se o leitor.

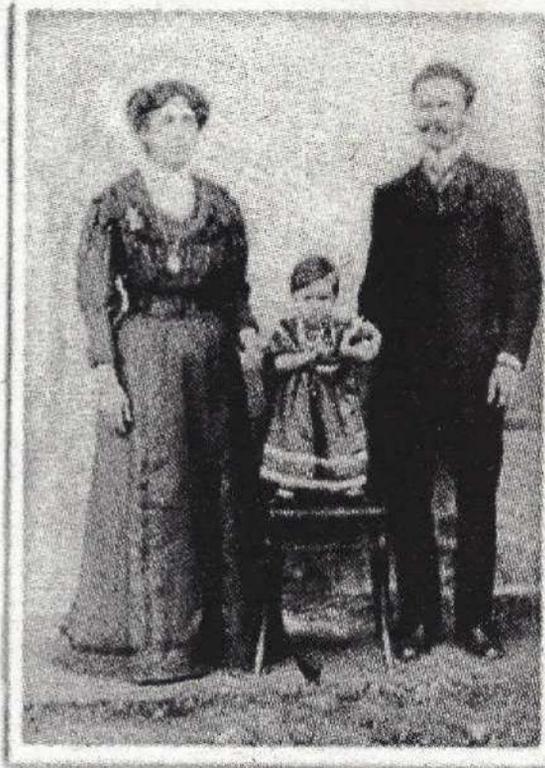
Como se vê, a travessia, bem a propósito, é um desafio àqueles que se propõem a transportar-se (metáfora?). Não me preocupo em tornar-me redundante, pois a redundância é, por vezes, uma necessidade de inserção e re-inserção na floresta de signos da literatura. Afinal, Guimarães ou Guimarães é tudo questão de opiniões.

Boa leitura!

**Paulo Nunes pelo Conselho Editorial**

Santa Maria de Belém do Grão-Pará, junho 2007





## Cronologia

*Vivo no infinito; o momento não conta. Vou lhe revelar um segredo: creio já ter vivido uma vez. Nesta vida também fui brasileiro e me chamava João Guimarães Rosa.*

**1908** – João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo (MG), a 27 de junho e era o primeiro dos seis filhos de D. Francisca (Chiquitinha) Guimarães Rosa e de Florduardo Pinto Rosa, mais conhecido por “seu Fulô” comerciante, juiz-de-paz, caçador de onças e contador de estórias. Terminou o curso primário no Grupo Escolar Afonso Pena; em Belo Horizonte, para onde se mudara, antes dos 9 anos, para morar com os avós. Em Cordisburgo fora aluno da Escola Mestre Candinho. Iniciou o curso secundário no Colégio Santo Antônio, em São João del Rei, onde permaneceu por pouco tempo, em regime de internato, visto não ter conseguido adaptar-se — não suportava a comida.

**1918** – De volta a Belo Horizonte, matricula-se no Colégio Arnaldo, de padres alemães e, imediatamente, iniciou o estudo do alemão, que aprendeu em pouco tempo. Era um poliglota.

**1925** – matricula-se na então denominada Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, com apenas 16 anos. Segundo um colega de turma, Dr. Ismael de Faria, no velório de um estudante vitimado pela febre amarela, em 1926, teria Guimarães Rosa dito a famosa frase: “As pessoas não morrem, ficam encantadas”, que seria repetida 41 anos depois por ocasião de sua posse na Academia Brasileira de Letras.

**1929-1930** – Sua estréia nas letras se deu em 1929, ainda como estudante. Escreveu quatro contos: *Caçador de camurças*, *Chronos Kai Anagke* (título grego, significando *Tempo e Destino*), *O mistério de Highmore Hall* e *Makiné* para um concurso promovido pela revista *O Cruzeiro*. Todos os contos foram premiados e publicados com ilustrações,

Um chamado João

João era fabulista?

fabuloso?

fa'bula?

Sertão místico disparando  
no exílio da linguagem comum?

Projetava na gravatinha  
a quinta face das coisas  
invenarrável narrada?

Um estranho chamado João  
para disfarçar, para fargar  
o que não ousamos compreender?

Tinha pastos, buritis plantados  
no apartamento?

no peito?

Vegetal ele era ou passarinho  
sob a robusta ossatura com pinta  
de boi risonho?

alcançando o autor seu objetivo, que era o de ganhar a recompensa nada desprezível de cem contos de réis. Chegou a confessar, depois, que nessa época escrevia friamente, sem paixão, preso a modelos alheios. Em 27 de junho de 1930, ao completar 22 anos, casa-se com Lígia Cabral Penna, então com apenas 16 anos, que lhe dá duas filhas: Vilma e Agnes. Ainda em 1930, forma-se em Medicina, pela Universidade de Minas Gerais, tendo sido o orador da turma, escolhido por aclamação pelos 35 colegas.

**1932-1933** – Durante a Revolução Constitucionalista de 1932, trabalha como voluntário na Força Pública. Posteriormente, efetiva-se, por concurso. Em 1933, vai para Barbacena na qualidade de Oficial Médico do 9º Batalhão de Infantaria.

**1934** – Ingressa na carreira diplomática. Durante os anos 30, ele participa de concursos literários.

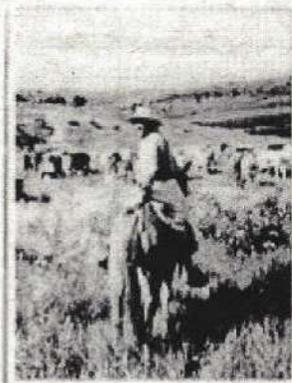
**1936** – A coletânea de poemas *Magma* recebe o prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras. Um ano depois, sob o pseudônimo de “*Viator*”, concorre ao prêmio Humberto de Campos, com o volume



intitulado *Contos*, que em 46, após uma revisão do autor, se transformaria em *Sagarana*, obra que lhe rendeu vários prêmios e o reconhecimento como um dos mais importantes livros surgidos no Brasil contemporâneo.

**1938** – **Guimarães Rosa** é nomeado Cônsul Adjunto em Hamburgo, e segue para a Europa; lá fica conhecendo Aracy Moebius de Carvalho (Ara), que viria a ser sua segunda mulher. Rosa, embora consciente dos perigos que enfrentava, protegeu e facilitou a fuga de judeus perseguidos pelo Nazismo, por ocasião da 2ª Guerra Mundial. Nessa empresa, contou com a ajuda da mulher, D. Aracy. Quando o Brasil rompe com a Alemanha, **Guimarães Rosa** é internado em Baden-Baden, juntamente com outros compatriotas, entre os quais se encontrava o pintor pernambucano Cícero Dias. Ficam retidos durante 4 meses e são libertados em troca de diplomatas alemães.

**1942** – Retornando ao Brasil, após rápida passagem pelo Rio de Janeiro, o escritor segue para Bogotá, como Secretário da Embaixada, lá permanecendo até 1944.. Sua estada na capital colombiana, fundada em 1538 e situada a uma altitude de 2.600 m, inspirou-lhe o conto *Páramo*, de cunho autobiográfico, que faz parte do livro póstumo *Estas Estórias*.



**1945** – Em dezembro o escritor retornou ao Brasil depois de longa ausência. Dirigiu-se, inicialmente, à Fazenda Três Barras, em Paraopeba, berço da família Guimarães, então pertencente a seu amigo Dr. Pedro Barbosa e, depois, a cavalo, rumou para Cordisburgo.

**1946** – **Guimarães Rosa** é nomeado chefe-de-gabinete do ministro João Neves da Fontoura e vai a Paris como membro da delegação à Conferência de Paz. Publica *Sagarana*, livro de contos

**1948 -1951** – O escritor está novamente em Bogotá como Secretário-Geral da delegação brasileira à IX Conferência Inter-Americana. Nesse período o escritor em Paris, exerce a função de 1º Secretário e Conselheiro da Embaixada. Em 1951 é novamente nomeado Chefe de Gabinete de João Neves da Fontoura.

**1952** – Faz uma longa excursão a Mato Grosso e escreve o conto “ Com o vaqueiro Mariano” que integra o livro póstumo *Estas estórias* (1969), sob o título “ Entremeio: Com o vaqueiro Mariano “.

**1953** – Torna-se Chefe da Divisão de Orçamento e em 1958 é promovido a Ministro de Primeira Classe (cargo correspondente a Embaixador).

**1956** – Publica o ciclo novelesco *Corpo de baile* e o romance *Grande sertão: veredas*, pelo qual recebe o prêmio Machado de Assis, do Instituto Nacional do Livro, o Prêmio Carmen Dolores Barbosa e o Prêmio Paula Brito. A partir de *Corpo de Baile*, a obra de **Rosa** - autor reconhecido como o criador de uma das vertentes da moderna linha de ficção do regionalismo brasileiro - adquire dimensões universalistas, cuja cristalização artística é atingida em *Grande Sertão: Veredas*, lançado em maio de 56. O terceiro livro de Guimarães Rosa, uma narrativa épica que se estende por 600 páginas, focaliza numa nova dimensão, o ambiente e a gente rude do sertão mineiro.

**1961** – O escritor recebe, em 1961, o Prêmio Machado de Assis, concedido pela Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra. Ele começa a obter reconhecimento no exterior.





1962 – É lançado *Primeiras Estórias*, livro que reúne 21 contos pequenos. Nos textos, as pesquisas formais características do autor, uma extrema delicadeza e o que a crítica considera “atordoante poesia”.

1963 – **Guimarães Rosa** candidata-se pela segunda vez à Academia Brasileira de Letras (a primeira fora em 1957, quando obtivera apenas 10 votos), na vaga deixada por João Neves da Fontoura. A eleição dá-se a 8 de agosto e desta vez é eleito por unanimidade. Mas não é marcada a data da posse, adiada *sine die*, somente acontecendo quatro anos depois.

1965 – Participa do Congresso de Escritores Latino-Americanos, em Gênova. Como resultado do congresso ficou constituída a Primeira Sociedade de Escritores Latino-Americanos, da qual o próprio Guimarães Rosa e o guatemalteco Miguel Angel Asturias (que em 1967 receberia o Prêmio Nobel de Literatura) foram eleitos vice-presidentes.

1967 – **Guimarães Rosa** vai ao México na qualidade de representante do Brasil no I Congresso Latino-Americano de Escritores, no qual atua como vice-presidente. Na volta é convidado a fazer parte, juntamente com Jorge Amado e Antônio Olinto, do júri do II Concurso Nacional de Romance Wálpap que, pelo valor material do prêmio, é o mais importante do país. No meio do ano, publica seu último livro, também uma coletânea de contos, *Tutaméia*. Três dias antes da morte o autor decidiu, depois de quatro anos de adiamento, assumir a cadeira na Academia Brasileira de Letras. Os quatro anos de adiamento eram reflexo do medo que sentia da emoção que o momento lhe causaria. Ainda que risse do pressentimento, afirmou no discurso de posse: “...a gente morre é para provar que viveu.”

O escritor faz seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras com a voz embargada. Parece pressentir que algo de mal lhe aconteceria. Com efeito, três dias após a posse, em 19 de novembro de 1967, ele morreria subitamente em seu apartamento em Copacabana. Em 1967, **João Guimarães Rosa** seria indicado para o prêmio Nobel de Literatura. A indicação, iniciativa dos seus editores alemães, franceses e italianos, foi barrada pela morte do escritor. A obra do brasileiro havia alcançado esferas talvez até hoje desconhecidas. Quando morreu tinha 59 anos. Tinha-se dedicado à medicina, à diplomacia, e, fundamentalmente às suas crenças, descritas em sua obra literária. Fenômeno da literatura brasileira, **Rosa** começou a escrever aos 38 anos. O autor, com seus experimentos lingüísticos, sua técnica, seu mundo ficcional, renovou o romance brasileiro, concedendo-lhe caminhos até então inéditos. Sua obra se impôs não apenas no Brasil, mas alcançou o mundo.

Fonte:

[http://www.releituras.com/guimarosa\\_bio.asp](http://www.releituras.com/guimarosa_bio.asp)  
[tvcultura.com.br/aloescola/literatura/guimaraesrosa/index](http://tvcultura.com.br/aloescola/literatura/guimaraesrosa/index)

